

REESTRUTURAÇÃO REGIONAL, COMPETITIVIDADE GLOBAL: O CASO DO COMPLEXO TÊXTIL DE BLUMENAU ¹

Ivo M. Theis & Maria Célia F. S. Garcia²

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa sobre a evolução do sistema produtivo regional [SPR] de Blumenau, que compreende importante centro industrial de Santa Catarina, na macrorregião Sul do Brasil, abrangendo o período de 1990 a 2001. Considerando-se que neste espaço econômico predomina a atividade industrial têxtil, a atenção se concentra nos processos produtivos do que aqui se designa *complexo têxtil*. Toma-se por base territorial o espaço abarcado pelo Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau [SINTEX].

O objetivo, portanto, é examinar a dinâmica do SPR de Blumenau a partir da reestruturação de seu complexo têxtil, tomando-se por referência o comportamento dos agentes econômicos que a ele formalmente se vinculam. A região em questão corresponde ao espaço de atuação do SINTEX e o período considerado é aquele durante o qual se deu o processo de reestruturação produtiva, nos anos 1990. Em termos mesoeconômicos, a hipótese é que o SPR de Blumenau, baseado na indústria têxtil, passou por um processo de reestruturação em consequência da globalização da economia capitalista e da política econômica de corte neoliberal adotada no Brasil. Em termos microeconômicos, a hipótese é de que a eficiência na utilização dos recursos produtivos resultou num aumento da produtividade total no período.

Quanto à metodologia, foram adotados os seguintes procedimentos: (a) delimitou-se o espaço a partir da base territorial do SINTEX, que compreende 42 municípios da região de Blumenau; e o tempo como sendo o período de 1990 a 2001; (b) tomou-se o complexo têxtil como objeto de análise, assim ao nos reportarmos à *indústria têxtil*, referimo-nos àquela parte do setor de transformação industrial que abarca as atividades de fiação, tecelagem, malharia e acabamento/beneficiamento [tradicionalmente reunidas sob a rubrica *indústria têxtil*], e a de vestuário [que integra a indústria de confecções], compreendendo, portanto, o conjunto de empresas classificadas pelo Código de Atividade Econômica [CNAE] na divisão 17 [Fabricação de produtos têxteis] e 18 [Confecção de artigos do vestuário e acessórios], de acordo com os critérios estabelecidos pelo

¹ Artigo preparado para o 6º Colóquio de Transformações Territoriais [Universidade Nacional del Litoral, Santa Fe, Argentina, 15 a 17 de novembro de 2006].

² Ivo Marcos Theis é economista e doutor em Geografia Econômica pela Universität Tübingen [Alemanha], professor e pesquisador da Universidade Regional de Blumenau [E-mail: theis@furb.br]; Maria Célia Ferreira da Silva Garcia é economista e mestre em Desenvolvimento Regional, professora e pesquisadora da Universidade Regional de Blumenau [E-mail: mceliagarcia@furb.br].

IBGE (2003); (c) coletaram-se e analisaram-se dados secundários do IBGE e da RAIS/MTE para traçar o perfil dos trabalhadores e dos estabelecimentos; e da Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina para obter o valor adicionado, corrigido pelo IGP-DI/FGV a preços de dezembro de 2001; para corrigir o valor do salário médio per capita e a massa salarial, utilizou-se o INPC/IBGE na mesma base; ambos os índices mostraram-se eficientes para a análise proposta; e (d) entre os indicadores socioeconômicos privilegiados na análise, destacam-se aspectos demográficos, localização dos domicílios, saneamento básico, educação, mortalidade infantil, longevidade, renda, potencialidades econômicas, perfil dos trabalhadores e dos estabelecimentos.

Os resultados apontam para um processo de desterritorialização e reterritorialização como mecanismo que favoreceu a redução de custos, a disseminação de micro e pequenas empresas [MPE] no interior do complexo têxtil e a adoção de métodos de subcontratação e terceirização, no contexto de uma considerável identidade regional. Contudo, parece ter havido uma intensa extração de mais-valia, com possível queda na média salarial e maior concentração da renda – embora possa ter havido um aumento da renda per capita. Esses fatores podem ter contribuído para o aumento da produtividade total do setor.

Além da presente (i) introdução, este artigo ainda apresenta as seguintes seções: (ii) o marco conceitual, (iii) uma breve contextualização geográfica, (iv) a apresentação e discussão dos dados relativos à reestruturação do complexo têxtil regional nos anos 1990, e (v) as considerações finais.

2 MARCO CONCEITUAL: MUNDIALIZAÇÃO, REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E IMPACTOS SOBRE OS SISTEMAS PRODUTIVOS REGIONAIS

Ao tratamento do tema a partir dos dados da pesquisa precede uma breve apresentação dos conceitos que aqui se utilizam e a indicação dos pressupostos que informam o argumento que aqui se desenvolve. Objetivamente, considera-se que o SPR de Blumenau, baseado na indústria têxtil, passou por um processo de reestruturação. Este, contudo, não se deu fortuitamente: sua motivação tem origem na globalização da economia capitalista e na política econômica de corte neoliberal adotada no Brasil. Portanto, o argumento é que o que se passou com a economia regional de Blumenau resultou dos impactos da globalização neoliberal sobre o território.

Quando nos reportamos ao conceito de *globalização*, então nos referimos ao caráter crescentemente global, interligado – por grandes empresas transnacionais e poderosos Estados-Nação – e interdependente – em consequência da disseminação das tecnologias da informação e comunicação – da economia capitalista mundial (Altvater & Mahnkopf, 1997; Chesnais, 1996; Lechner & Boli, 2000). A globalização tem diferentes faces para diferentes seres humanos, dependendo a que grupos e classes sociais eles pertencem, se são ricos ou pobres, onde vivem e quais são suas convicções políticas e ideológicas (Milanovic, 2003). Essas diferentes faces da globalização refletem, por sua vez, diferenças espaciais – de provisão de meios de produção, recursos

tecnológicos, estoques de riqueza, investimentos produtivos, instituições financeiras, consumos etc. – entre economias nacionais (Coe & Yeung, 2001; Petit & Soete, 1998).

Quando nos reportamos à *política econômica neoliberal*, referimo-nos ao conjunto de medidas ortodoxas adotadas no Brasil – e em outros países da América Latina – nos anos 1990, cujo propósito aparente era a estabilização da economia. Cabe enfatizar que o “consenso de Washington”, origem das políticas de corte neoliberal, ganhou corpo em face da crise do “consenso keynesiano”. Via-se, com efeito, no excessivo crescimento do Estado e no populismo econômico as principais causas dos problemas – por exemplo, da inflação – com que se debatiam as economias latino-americanas. A estratégia resultante indicava, no curto prazo, equilíbrio fiscal e, no médio prazo, a) redução do tamanho do Estado [via privatização etc.], b) liberalização do comércio internacional, e c) promoção de exportações (Bresser Pereira, 1991).

Como se sugeriu, a globalização da economia capitalista e a política econômica de corte neoliberal impactaram o SPR de Blumenau, conduzindo a indústria têxtil, sobre a qual ele erige a sua base, a um processo de reestruturação. O conceito de *Sistema Produtivo Regional* traduz, em primeiro plano, uma compreensão de região/espço que se modifica no tempo, como consequência da forma pela qual os grupos e classes sociais o produzem e o consomem³. Na verdade, o conceito de SPR deriva de uma das vertentes da *Escola da Regulação*, fazendo-se adaptação do que certos analistas, sobretudo Courlet (2001), designam por *systemes productifs locaux*. Com este conceito se compreende a inscrição de uma dada dinâmica socioeconômica – e política, cultural, ambiental... – num certo território⁴; ou seja, trata-se de uma organização produtiva territorializada, flexível e autônoma em face de outros sistemas produtivos regionais, que incluem atividades de inovação e trocas com o exterior. No caso presente, está claro que o SPR permanece fortemente baseado na indústria têxtil (Theis & Bagattolli, 2005).

Inicialmente, é preciso lembrar que a indústria têxtil brasileira é antiga e teve contribuição importante para o desenvolvimento do país (Stein, 1979). Todavia, a globalização da economia capitalista e a política econômica neoliberal adotada no país na década dos anos noventa produziram fortes impactos sobre as

³ Aqui se concorda que “a região expressa a área formada pela articulação entre verticalidade [ordens, comandos] e horizontalidade [cooperação, conflitos locais, cotidiano]; entre fluxos e estrutura sócio-espacial; entre identidade/homogeneidade e a identificação, pela consciência social, do que é diferente ou oposto. A região corresponde ao extenso de uma forma social, ao corpo de relações sociedade-natureza, incluindo organização social, cultura e decisão política” (Ribeiro, 2004, p. 199); mais: “a ‘região’ aparece [...] como o produto das relações inter-regionais e estas como uma dimensão das relações sociais. Não há ‘região pobre’, há apenas regiões de pobres, e, se há regiões de pobres, é porque há regiões de ricos e relações sociais que polarizam riqueza e pobreza e as dispõem diferentemente no espaço” (Lipietz, 1988, p. 29).

⁴ Por território se entende o espaço geográfico no qual se verifica a interação entre um sistema de objetos e um sistema de ações – no sentido de M. Santos quando este se refere ao *meio técnico-científico informacional* (Haesbert, 2004); de forma mais precisa, pode se afirmar que “um território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder [...] um campo de força concernente a relações de poder espacialmente delimitadas” (Souza, 1997, p. 24).

empresas do complexo têxtil (Gorini & Martins, 1998). Grandes empresas, por já estarem expostas ao mercado mundial, enfrentaram menos dificuldades que médias e pequenas; algumas até lograram realizar investimentos em modernização tecnológica, embora outras acumularam atraso tecnológico; algumas puderam se inserir no mercado mundial e participar do comércio internacional, outras sofreram as conseqüências do acirramento da competitividade no plano internacional; algumas conseguiram se mover no contexto da desconcentração espacial da produção, outras permaneceram prisioneiras de territórios desfavoráveis à reestruturação (Gorini, 2000; Monteiro Filha & Santos, 2002).

Aliás, quando nos reportamos à reestruturação, então se trata da *reestruturação produtiva*. Com este conceito nos referimos às alterações na organização do trabalho e da produção que podem ocorrer – motivadas por fatores como a globalização e/ou a política econômica neoliberal ou outro fator qualquer – no interior de uma dada unidade produtiva, num conjunto de empresas ou numa indústria (Carleial & Valle, 1997). Cumpre lembrar que, no caso brasileiro, a reestruturação produtiva, inclusive no complexo têxtil, teve lugar na ausência de uma política industrial (Nassif, 2003), com diferentes impactos sobre o território (Martins, 2004). E, como se sugeriu, o SPR de Blumenau foi atingido pela globalização neoliberal, aí emergindo a reestruturação como imperativo para a saída da crise. Mas, antes de apresentar e discutir os resultados da pesquisa, cabe caracterizar a região.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A região de Blumenau está localizada no Estado de Santa Catarina, na macrorregião Sul do Brasil. Em termos econômicos, Santa Catarina oferece várias amostras de SPR com avançada especialização industrial: ao norte, tem-se um espaço dominado pela indústria metal-mecânica, pela produção de plásticos, têxteis e confecções, papel e celulose, pela automação e informática e, também, pela agroindústria; a economia regional de Blumenau também é diversificada, com o predomínio da indústria têxtil, mas aparecendo também automação e informática; no oeste, prevalece o setor agroindustrial; na grande Florianópolis destacam-se a informática e automação e a produção de cerâmica de revestimento; na região Serrana, em torno de Lages, predomina a produção de papel e celulose; ao sul, prevalece a produção cerâmica e de plásticos.

Ao final do ano 2000, Santa Catarina tinha 5.356.360 habitantes, distribuídos por 95.442,9 km². Em termos político-administrativos, o Estado se divide em 293 municípios, reunidos em 20 microrregiões pelo critério do IBGE, além de três regiões metropolitanas [Joinville, Blumenau e Florianópolis]. Alguns dos indicadores econômicos e sociais da pesquisa que deu origem a este artigo são reflexos do desenvolvimento dessas regiões. Aparentemente, a distribuição espacial dos sistemas produtivos promove um circuito de prosperidade (PNUD, 2000; SANTA CATARINA, 2003).

No caso em questão, foram considerados quarenta e dois municípios pertencentes à base territorial do SINTEX [ver figura 1], uma vez que neste espaço se observa maior concentração de indústrias do complexo têxtil em Santa Catarina (SINTEX, 2003).

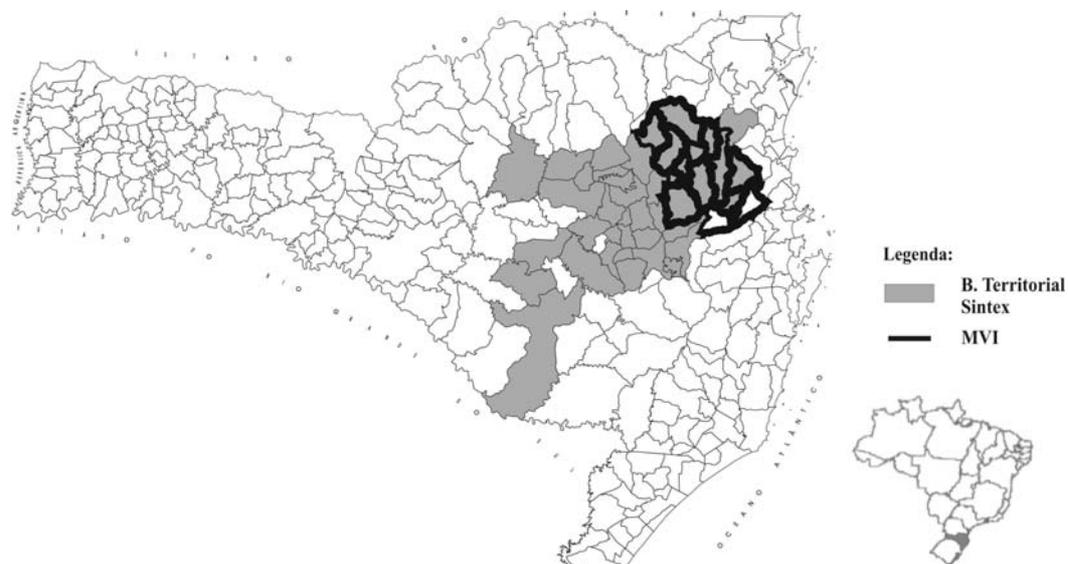


Figura 1: Delimitação da base territorial do SINTEX e da região de Blumenau

Fonte: Adaptado de SANTA CATARINA (2005).

Dezoito dos municípios da base territorial do SINTEX foram responsáveis por 95,2% do total dos empregados, 86,6% do total dos estabelecimentos e 98% do total do valor adicionado do complexo têxtil. Daí que a amostra da pesquisa compreende os municípios de Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Doutor Pedrinho, Gaspar, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó – situados na microrregião de Blumenau pelos critérios do IBGE; e os municípios de Dona Emma, Ibirama, José Boiteux, Massaranduba, Presidente Getúlio, Vitor Meireles e Witmarsum, situados em áreas conurbadas e de expansão [ver figura 2]. Os costumes e tradições culturais, basicamente alemães e italianos, emprestam certo caráter de homogeneidade à região, o que favorece inferências estatísticas.

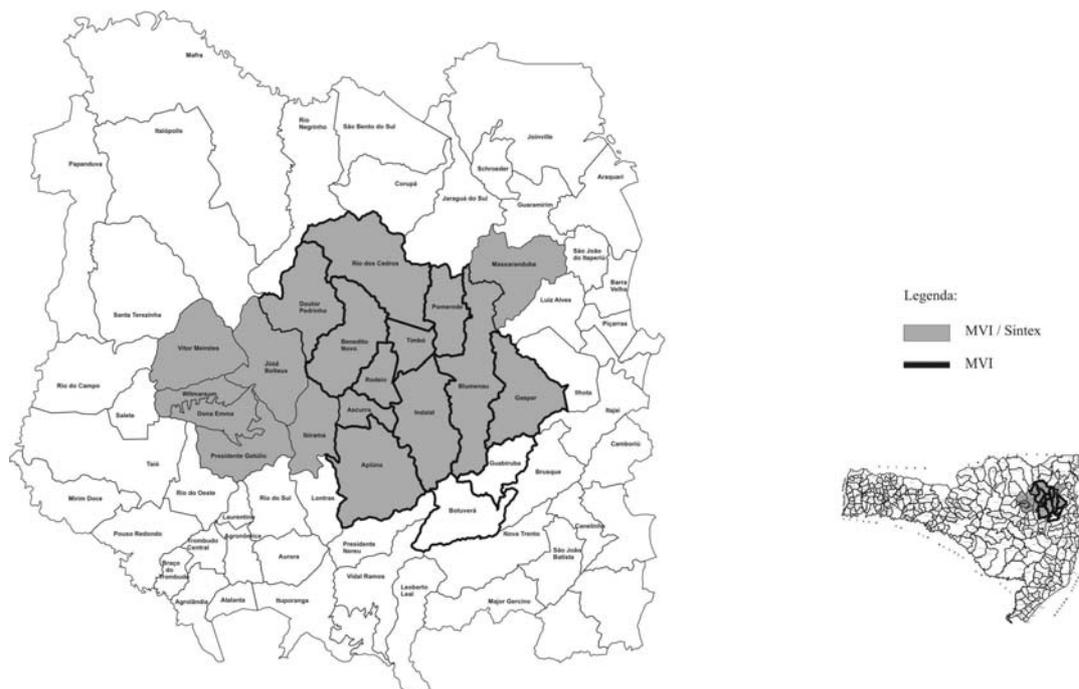


Figura 2: Municípios selecionados que compõem a amostra

Fonte: Adaptado de IBGE (2005) e SINTEX (2003).

No ano 2000, a região de abrangência do SINTEX alcançava 5.751,44 km², o que correspondia a 6,03% da área total de Santa Catarina, e uma população de 503.705 habitantes, que correspondia a 9,4% do total do Estado. A participação desta região no PIB estadual, a preços médios do ano 2000, nos últimos trinta anos, chegou a 13%, com a máxima de 15,9% em 1980 e a mínima de 11,9% em 1996. O PIB desta região cresceu 15,4% entre os anos de 1996 a 2001, contra 14,2% do crescimento do PIB estadual e 17% do crescimento do PIB brasileiro no mesmo período. Essa aparente estabilidade revela, porém, um baixo crescimento econômico. Estima-se que a porção pré-produtiva e pós-produtiva circunde 17,3% e 9,9%, respectivamente. Portanto, a região deve gerar trabalho e renda para cerca de 350 mil pessoas (BRASIL, 2005; IBGE, 1997; IBGE, 2000; PNUD, 2000).

A densidade demográfica encontrada para a região é de 87,6 pessoas/km², superior à de Santa Catarina, de 70,5 pessoas/km². Metade dos municípios da amostra possui população inferior a 10 mil habitantes. Cerca de 80% da população residem em área urbana, 20% em área rural. Os municípios de Apiúna, Dona Emma, José Boiteux, Massaranduba, Rio dos Cedros, Vitor Meireles e Witmarsum possuem mais de 50% de suas populações vivendo em áreas rurais. Nestes predomina baixa densidade demográfica, em média 20 pessoas/km², o que se explica pela baixa participação da agricultura e pecuária na formação do SPR. Observe-se, a propósito, que nesses municípios prevalece o trabalho familiar, em que pequenas propriedades produzem

bens de baixo valor agregado, com a exceção do fumo, arroz e laranja (IBGE, 1999; PNUD, 2000; SANTA CATARINA 1998).

4 A REESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO TÊXTIL DE BLUMENAU NOS ANOS 1990

A maior concentração de estabelecimentos na região considerada ocorre no comércio [38,4%]; a segunda ocorre na indústria de transformação [21,8%]. Estes setores detêm cerca de 70% da mão-de-obra ocupada assalariada da região – 54,9% pela indústria de transformação e 14,2% pelo comércio. Trata-se, pois, de uma particularidade da região, uma vez que, em nível nacional, o setor de serviços detém a maior ocupação, seguido pela agricultura, comércio e indústria (IBGE, 1999).

Os maiores empregadores da indústria de transformação, na região de Blumenau, nas duas últimas décadas, foram as empresas têxteis, do vestuário e artefatos de tecidos. Elas absorveram, em média, 36% dos trabalhadores formais neste período – o que proporcionou melhor desempenho para a economia regional, sobretudo para os setores de comércio e serviços. O complexo têxtil regional contribuiu, durante o período de 1990 a 2001, em média, com 43% para o montante do valor adicionado da economia regional. Sua curva segue, praticamente, a mesma tendência apresentada pelo valor adicionado total da economia regional [ver gráfico 1]. Isso significa que a partir do complexo têxtil podem-se efetuar inferências para a região. Ou seja: isso, mais a baixa variação apresentada pela participação do complexo têxtil no total de empregos gerados no período 1985-2004, revela a capacidade empregatícia do setor, proporcionando razoável poder explicativo para o comportamento dos agentes econômicos do SPR (SANTA CATARINA, 2003; SILVA, 2004).

A economia regional, que nos anos 1980 ainda se ajustava em função da estagnação do nível de atividade, resultante de profundos desequilíbrios macroeconômicos, em especial, da hiperinflação, adentra a década dos noventa surpreendida pela globalização e pelo aumento das importações. O acirramento da competitividade indicava ineficiência técnica das firmas têxteis, agravada pela dependência de importações de insumos essenciais, como o fio sintético e o algodão. Essas condições exigiam uma reestruturação produtiva em caráter emergencial para garantir a permanência das firmas têxteis no mercado.

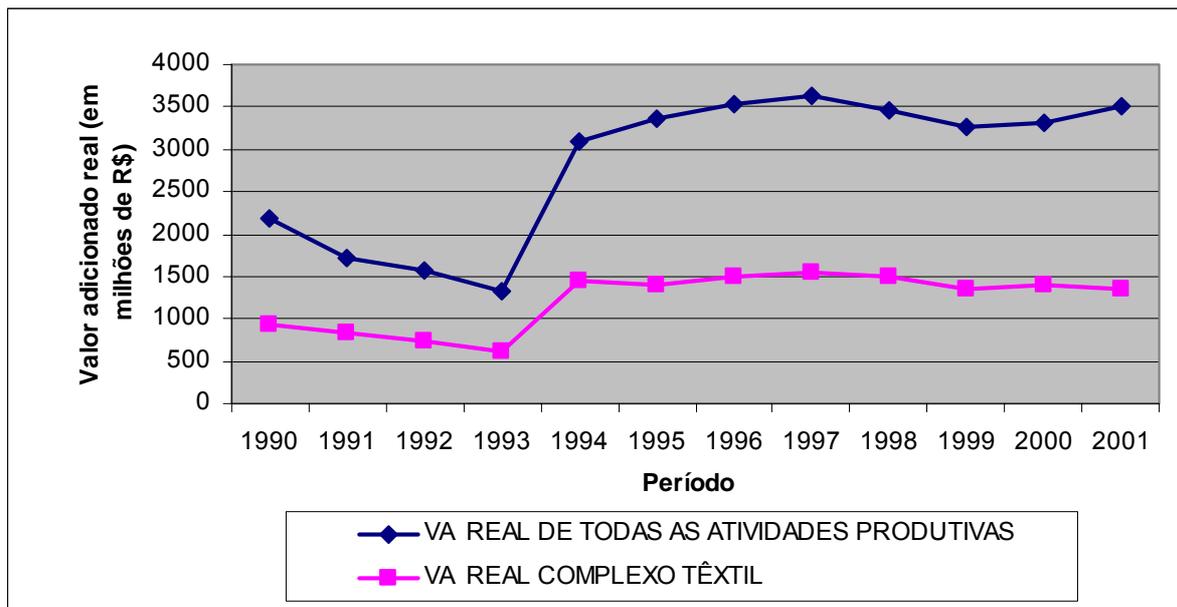


Gráfico 1: Valor adicionado total e valor adicionado do complexo têxtil regional, 1990 - 2001

Fonte: Adaptado de SANTA CATARINA (2003).

A partir de meados dos anos 1990 ocorre uma mudança na paisagem da economia regional de Blumenau: dá-se um expressivo aumento no número de estabelecimentos têxteis, notadamente, de MPE, que se disseminam rapidamente pela região [ver gráficos 2 e 3].

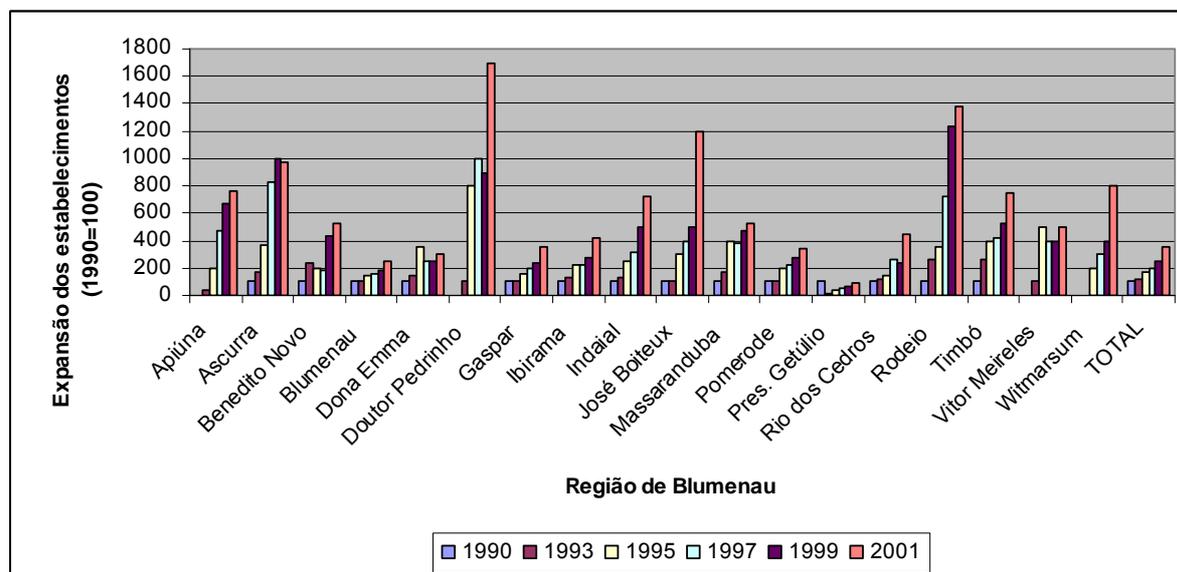


Gráfico 2: Expansão dos estabelecimentos do complexo têxtil regional, 1990-2001 (1990=100)

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990–2001).

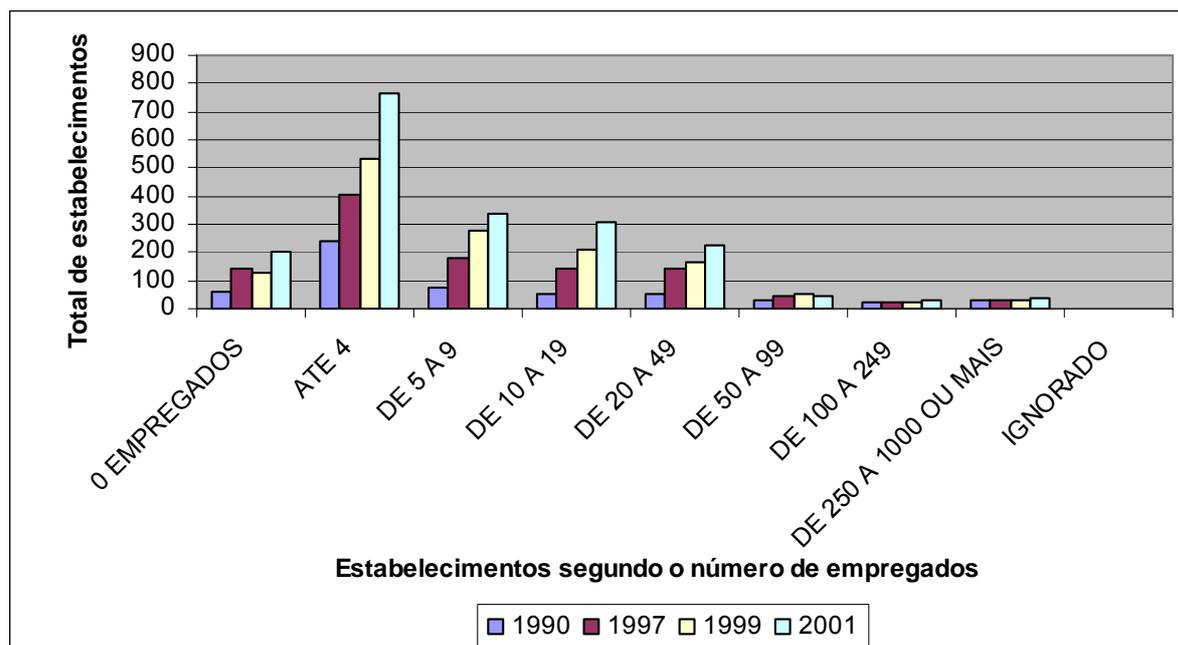


Gráfico 3: Número de estabelecimentos do complexo têxtil regional por número de empregados, 1990 - 2001

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990–2001).

Esta nova paisagem já resulta da reestruturação produtiva, impulsionada, principalmente, pelas médias e grandes empresas que implantaram sistemas de especialização flexível, terceirização e subcontratação, visando, como se viu, a uma redução de custos.

A rápida migração da mão-de-obra, principalmente, do segmento de fabricação de produtos têxteis em direção ao segmento de confecções de artigos do vestuário e acessórios, contribuiu para a dissimulação dos reais níveis da taxa de desemprego conjuntural e tecnológico naquele período [ver gráfico 4].

Assim, a mão-de-obra especializada localmente existente, fruto da primazia de uma atividade centenária, somada à proximidade entre os municípios da amostra, favoreceu a reabsorção da força de trabalho liberada durante o processo de reestruturação industrial dos anos noventa. Seu destino foram, especialmente, facções de costura, sob a responsabilidade de trabalhadoras e trabalhadores dispensados em decorrência das alterações ocorridas no processo produtivo. Destaque-se que essas facções assumiram, por assim dizer, os custos transferidos pelas médias e grandes empresas.

A configuração desta nova paisagem – apoiada numa estrutura econômica e social, assentada num processo produtivo adequado às tendências do capitalismo neoliberal globalizado – contribuiu para que se evitasse uma forte recessão econômica.

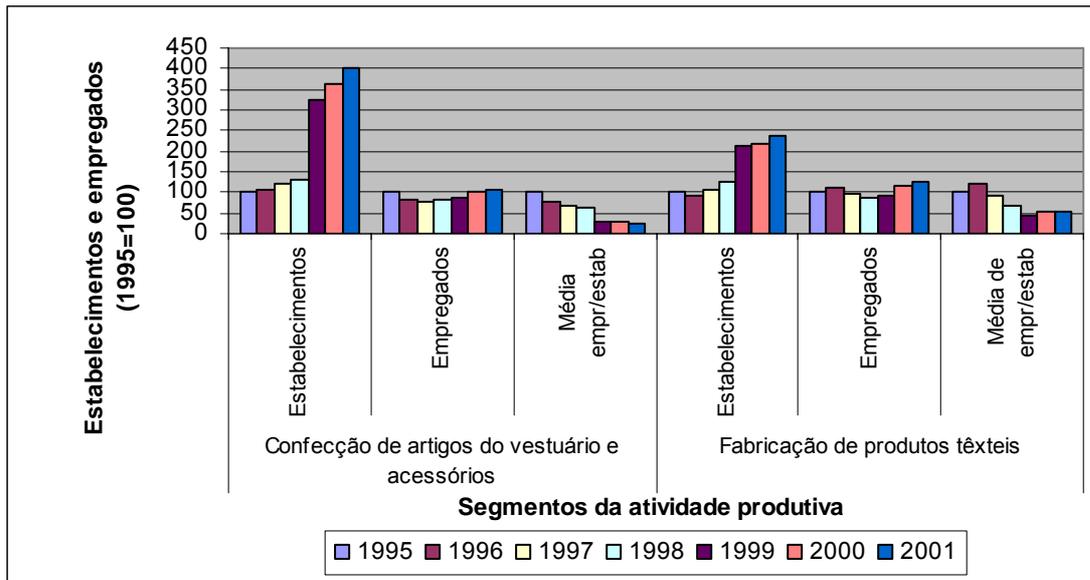


Gráfico 4 – Evolução do número de estabelecimentos e empregados no complexo têxtil regional, 1995-2001 (1995=100)

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990–2001).

O deslocamento da renda por entre os municípios da amostra pode ser acompanhado pela movimentação do valor adicionado gerado pelo complexo têxtil em função da expansão do número de estabelecimentos do setor [ver gráfico 5].

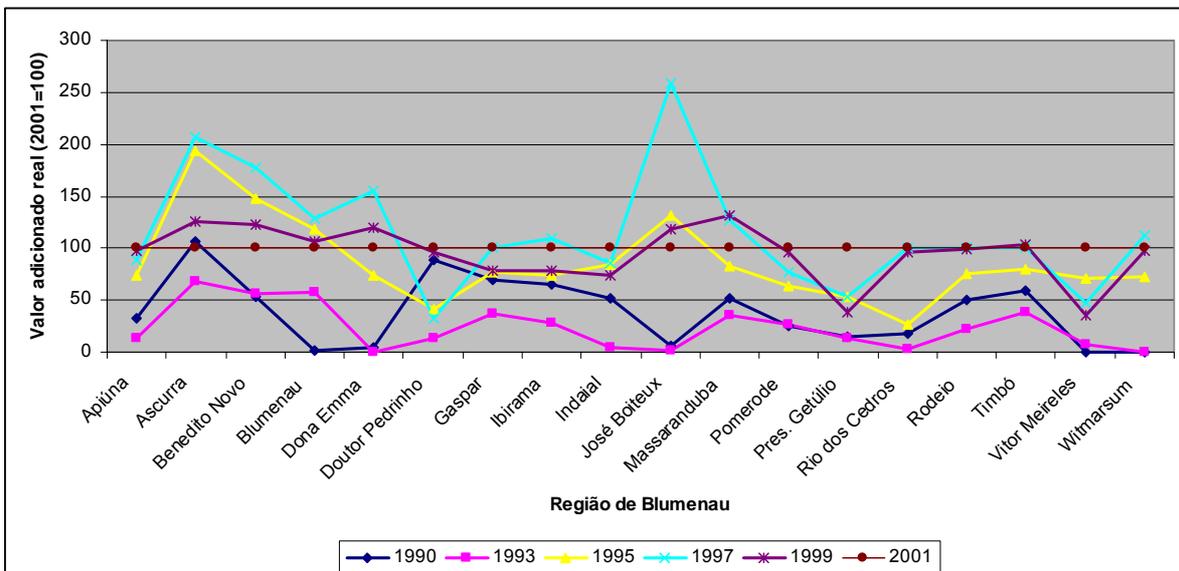


Gráfico 5: Movimentação do valor adicionado gerado pelo complexo têxtil regional, 1990-2001 (2001=100)

Fonte: Adaptado de SANTA CATARINA (2003).

Supõe-se que os empresários do complexo têxtil detectaram um exército industrial de reserva latente nas áreas de expansão e conurbadas à região. Desterritorialização, mas também reterritorialização: o capital têxtil local se reestruturou, barateando os custos da mão-de-obra, ao deslocá-la dos antigos espaços originários para novos, mas ainda no contexto intra-regional.

O gráfico 6, a seguir, confirma, definitivamente, que o aumento da renda diagnosticado para a região não resulta de um aumento da média salarial. O que se percebe é que houve um declínio no salário médio do complexo têxtil em todos os municípios da região, exceto em Vitor Meireles. Ou seja, em 2001 os salários correspondiam, em média, a apenas 66,5% dos salários de 1996 [em salários mínimos].

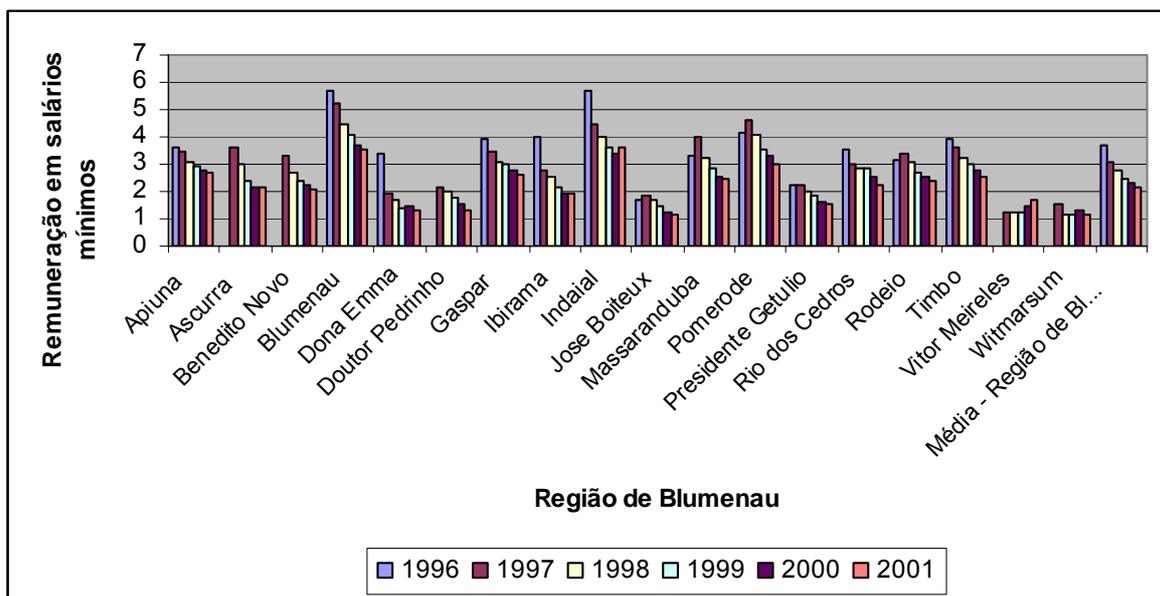


Gráfico 6: Remuneração em salários mínimos, complexo têxtil de Blumenau, 1996 - 2001

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990-2001).

Foram antes as oportunidades de emprego geradas pela abertura de novas empresas que promoveram o aumento da massa salarial no setor. Daí e do aumento de lucros é que deriva o aumento da renda per capita observado no período de 1991 a 2000 em todos os municípios da amostra. Eis por que o efeito multiplicador gerado pelo alcance da renda concorreu para diminuir, em média, 45,5% das pessoas consideradas pobres⁵ em todos os municípios da região no período. Eis por que houve uma queda em torno de 53,1% das pessoas qualificadas como indigentes – com a exceção de Blumenau, Pomerode e Timbó, que, ao contrário, apresentaram crescimento de 36,9%, 2,9% e 57,8%, respectivamente (PNUD, 2000). Entretanto, à exceção

⁵ Utilizando o valor correspondente ao salário mínimo vigente em março de 2000 [R\$ 136,00], chega-se a uma linha de pobreza equivalente a 62,3% deste montante [R\$ 84,73] (PNUD, 2000a).

dos municípios de Ascurra, Pomerode, Presidente Getúlio, Rodeio e Timbó, houve aumento na intensidade da pobreza e da indigência [ver gráfico 7].

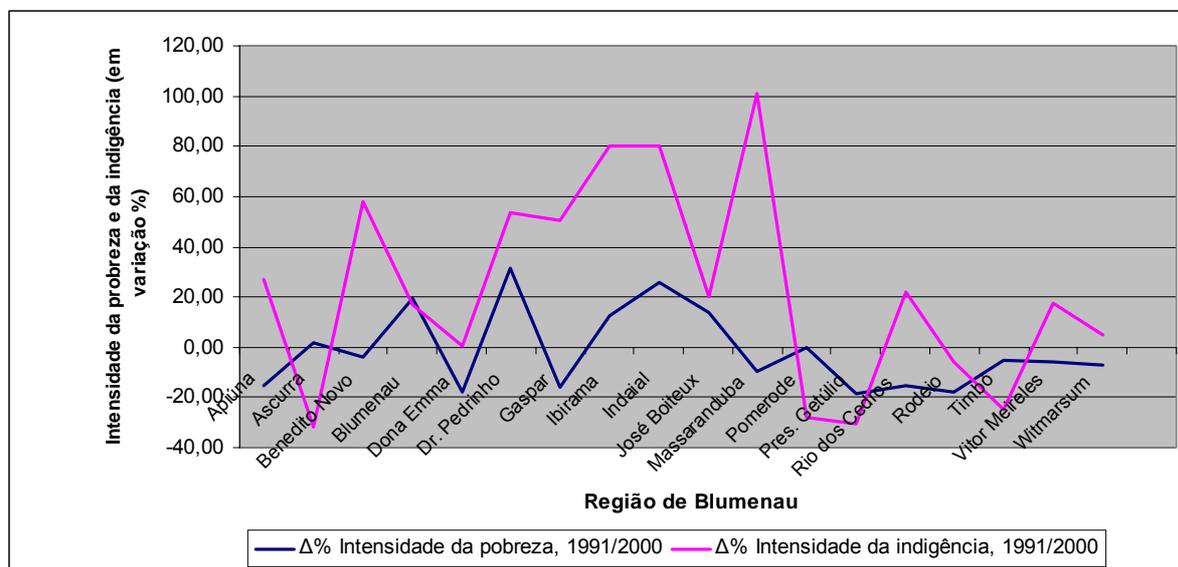


Gráfico 7: Intensidade da pobreza e da indigência na região, 1990-2001

Fonte: Adaptado de PNUD (2000).

Esses dados são consistentes com os resultados apresentados pelo coeficiente de Gini encontrado para a região, que acusava 0,45 para o ano de 1991 e 0,47 para o ano 2000. Ou seja: verificou-se uma maior concentração de renda. O crescimento na renda ocorreu muito mais em função de uma elevação nos lucros dos médios e grandes empresários do que de altas nos salários, evidenciando o extraordinário aumento da mais-valia no interior do complexo têxtil regional (BRASIL, 1990-2001; PNUD, 2000; PNUD, 2000a).

Esta análise também evidencia a exploração da mão-de-obra pelo complexo têxtil regional, principalmente nos municípios de Dona Emma, José Boiteux, Witmarsum, Vitor Meireles e Apiúna. Nestes municípios, em que predomina a atividade agropecuária, observou-se o maior percentual de pessoas pobres no período. Neles, ademais, foram identificados os mais altos coeficientes de Gini. Assim, a força de trabalho destes municípios é passível de maior exploração, visto que sua população funciona como reserva de mão-de-obra barata.

Contudo, os investimentos e as transferências tecnológicas proporcionaram uma melhor qualidade de vida para a população regional. A região ostenta um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano – Municipal [IDH-M] do país, contando, em média, com 95,6% das pessoas com dez anos ou mais alfabetizadas; com 99,6% das pessoas vivendo em domicílios com energia elétrica; com 99,1% dos domicílios com banheiros ou sanitários; com 72,7% dos domicílios com coleta de lixo; com cerca de 60% dos domicílios

com abastecimento de água por rede geral. Esses dados apóiam o comportamento dos índices no período de 1991 a 2000 quanto à queda da mortalidade infantil em cerca de 34%, quanto ao aumento da expectativa de vida de 70,7 para 74,3 anos, e quanto ao aumento da probabilidade de sobrevivência até 60 anos em média de 6,7% no mesmo período. Essa melhora na qualidade de vida da população regional pode estar associada a um maior gasto com infra-estrutura, saneamento básico e educação. Todavia, o produto e a renda estão desigualmente distribuídos no espaço (PNUD, 2000; IBGE, 1999; BRASIL, 2000; BRASIL, 2000a), uma característica intrínseca ao capitalismo.

Para efetuar uma análise da produtividade parcial do complexo têxtil regional durante o período de 1990 a 2001, tomou-se por base o valor adicionado total [VAT], o valor adicionado médio [VAMe] e o valor adicionado marginal [VAMg]; a partir daí se pode aferir o comportamento da produtividade total, média e marginal em função dos estabelecimentos [Est], do número de empregados [NE] e do salário médio [SMe].

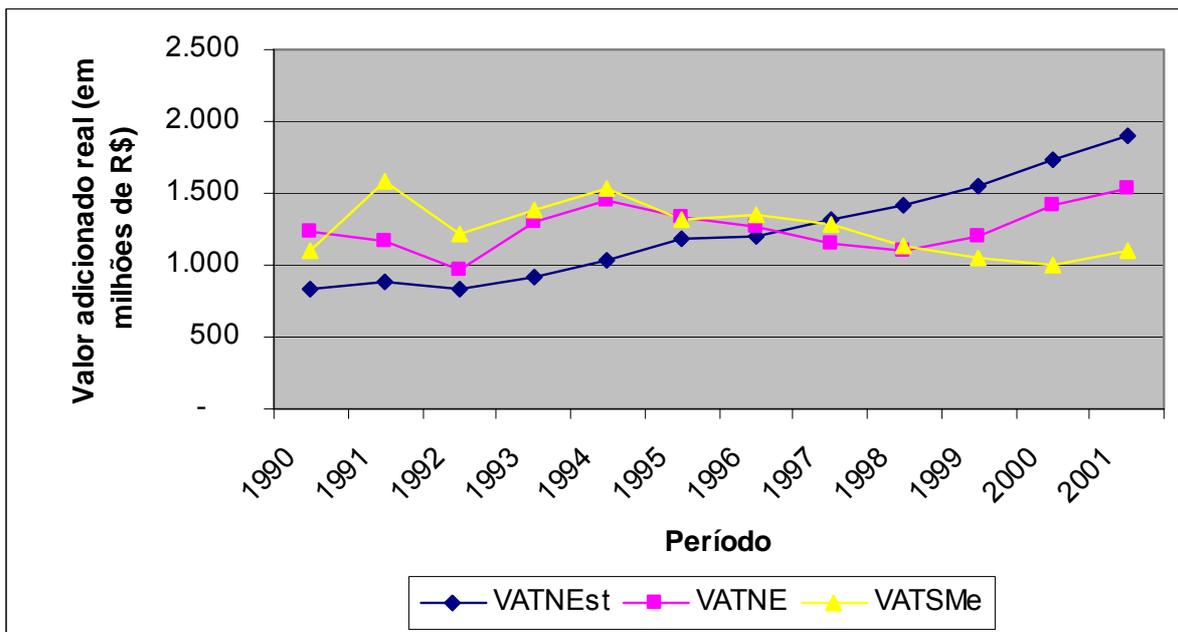


Gráfico 8: Valor adicionado total dos estabelecimentos, do número de empregados e do salário médio no complexo têxtil regional, em R\$, 1990-2001

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990-2001) e SANTA CATARINA (2003).

Os resultados indicam que houve um aumento da produtividade total quando as variáveis ‘estabelecimentos’, ‘número de empregados’ e ‘salários médios’ são aumentadas na condição *coeteris paribus*; porém, a ocorrência de produtividades médias decrescentes gerou produtividades marginais decrescentes nesta mesma condição [ver gráficos 8 e 9].

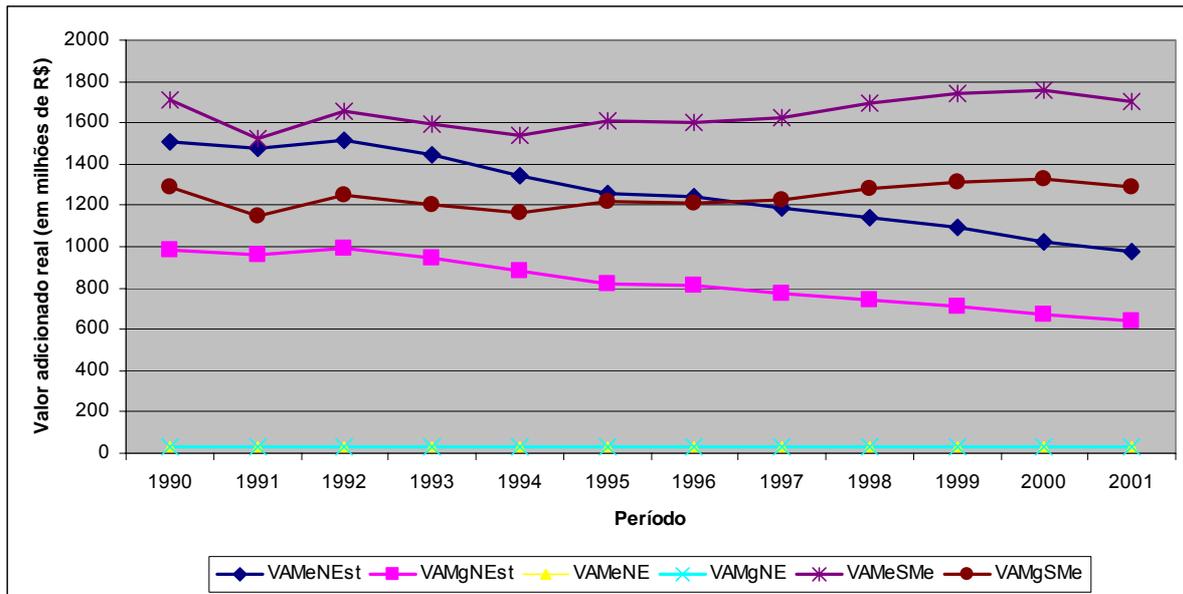


Gráfico 9: Valor adicionado médio e marginal dos estabelecimentos, do número de empregados e do salário médio no complexo têxtil regional, em R\$, 1990-2001

Fonte: Adaptado de BRASIL (1990-2001) e SANTA CATARINA (2003).

O que se percebe é que a obstinação com o aumento da produtividade via redução de custos da força de trabalho impactou negativamente o SPR. Ora, como, de um lado, a escassez de recursos de capital aparecia como uma constante dos novos estabelecimentos, de forma que não tem havido inversões no processo produtivo na medida necessária para aumentar o produto; e como, de outro lado, há grande oferta de mão-de-obra provocando uma baixa variação no salário médio do setor; pode-se inferir que a insuficiência de excedentes na renda das famílias e das MPE e a ausência de políticas de governo eficazes, que resultem no aumento da competitividade do setor em nível internacional, impedem a ocorrência de rendimentos crescentes e, em conseqüência, de um desenvolvimento regional mais sustentável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que se perseguiu neste artigo foi analisar a dinâmica do SPR de Blumenau a partir da evolução de seu complexo têxtil. Tomou-se, para tanto, o comportamento dos agentes econômicos que a ele formalmente se vinculam como referência. A região considerada corresponde ao espaço de atuação do SINTEX; o período de tempo considerado foi aquele em que ocorreu o processo de reestruturação produtiva. Em termos mesoeconômicos, partiu-se da hipótese de que o SPR de Blumenau passou por um processo de reestruturação em conseqüência da globalização da economia capitalista e da política econômica de corte neoliberal adotada no Brasil. Em termos microeconômicos, considerou-se a hipótese de que a eficiência na utilização dos recursos produtivos resultaria em aumento da produtividade.

Os resultados a que se chegou indicam que o processo de reestruturação produtiva, marcado pelo processo de desterritorialização e reterritorialização, que teve lugar nos anos 1990, revalorizou o espaço econômico e abriu novas oportunidades para a reinserção da mão-de-obra no mercado de trabalho, contribuindo para a diminuição do percentual de pessoas consideradas pobres. Contudo, o aumento da intensidade de pobreza e indigência, tanto nos municípios maiores como nos menores, indica que a variação no exército industrial de reserva atende a uma necessidade do SPR. Pode-se dizer, portanto, que se formou uma subclasse mais ou menos permanente de desempregados, assim como, de pobres e muito pobres.

A baixa competitividade constatada do complexo têxtil regional deve-se ao fato de que a reestruturação produtiva se deu sobre uma base intensiva em mão-de-obra, produtora de bens de baixo valor agregado e altamente elásticos – e no contexto de ausência de uma política industrial para o país. A permanência dessa base frágil tende, no médio prazo, a gerar maior instabilidade econômica.

Como a PEA regional é relativamente jovem, cresce a preocupação com respeito à capacidade de geração de trabalho e renda do complexo têxtil – sobre o qual, afinal, se baseia a economia regional. O recurso ao sistema de terceirização e subcontratação constituiu uma medida emergencial, apenas justificada em vista das deficiências do complexo têxtil regional – custos elevados e tecnologia ultrapassada. Mas, este recurso não garante a sustentabilidade do SPR, uma vez que o complexo têxtil apresenta tendência a rendimentos médios e marginais decrescentes no final do período.

Em conclusão, pode ser dito que a região de Blumenau apresenta importantes resultados em termos de qualidade de vida, favorecendo (a) estratégias voltadas não apenas ao aumento da renda, mas, sobretudo, de sua melhor distribuição; assim como (b) políticas que não apenas levem a um aumento da produtividade econômica, mas também ao atendimento das necessidades daquelas e daqueles que, direta e indiretamente, estejam envolvidos na promoção do desenvolvimento regional. A propósito: entende-se por essa expressão não apenas o processo localizado de crescimento econômico e mudança social que tem como objetivo a melhoria da qualidade material de vida de uma dada comunidade que vive num determinado espaço regional (Boisier, 1996; Simões Lopes, 2001). A compreensão de desenvolvimento na escala regional que aqui se defende é a de um desenvolvimento socialmente inclusivo e ecologicamente prudente, apoiado na democratização radical em todas as escalas, i.é. na participação ativa da cidadania na definição de seu paradigma societário e na completa soberania dos sujeitos na escolha de seu futuro.

REFERÊNCIAS

ALTVATER, E.; MAHNKOPF, B. **Grenzen der Globalisierung: Ökonomie, Ökologie und Politik in der Weltgesellschaft**. 2 ed. Münster: Westfälisches Dampfboot, 1997.

BOISIER, S. **Modernidad y territorio**. Santiago de Chile: ILPES, 1996.

- BRASIL. Ministério da Saúde, 2000. Datasus. **Abastecimento de água**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/aaguf.def>>. Acesso em: 8 ago 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde, 2000a. Datasus. **Coleta de lixo**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/lixbr.def>>. Acesso em: 8 ago 2004.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Ipeadata, 2005. **Dados macroeconômicos e regionais**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?523324718>. Acesso em: 05 jul 2005.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **RAIS/ RAISESTB, 1990-2001**. 12 CD-ROM.
- BRESSER PEREIRA, L. C. A crise da América Latina: consenso de Washington ou crise fiscal? **Pesquisa e Planejamento Econômico**, 21 (1), p. 3-24, 1991.
- CARLEIAL, L. M. F.; VALLE, R. A. B. (org.) **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Trad. S. F. Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- COE, N. M.; YEUNG, W.-C. Geographical perspectives on mapping globalisation: an introduction to the JEG special issue. **Journal of Economic Geography**, N. 1, p. 367-380, 2001.
- COURLET, C. Les systèmes productifs locaux: de la définition au modèle. In: DATAR. **Réseaux d'entreprises et territoires: regards sur les systèmes productifs locaux**. Paris: La Documentation Française, p. 17-61, 2001.
- GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**, N. 12, p. 17-50, 2000.
- GORINI, A. P. F.; MARTINS, R. F. Novas tecnologias e organização do trabalho no setor têxtil: avaliação do programa de financiamento do BNDES. **Revista do BNDES**, 5 (10), p. 235-264, 1998.
- HAESBERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- IBGE. **Cidades@**, 1997. Disponível em: <<http://200.255.94.66/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 20 dez 2003.
- IBGE. **Cidades@**, 1999. Disponível em: <<http://200.255.94.66/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 20 dez 2003.
- IBGE. **Cidades@**, 2000. Disponível em: <<http://200.255.94.66/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 20 dez 2003.
- IBGE. **Comissão Nacional de Classificação, 2003**. Disponível em: <http://www.cnae.ibge.gov.br/secao.asp?codsecao=D&TabelaBusca=CNAE_110@CNAE%201.0%20%20CNAE%20FISCAL%201.1@0@cnaefiscal@0>. Acesso em: 15 fev 2003.
- IBGE. **Servidor de Mapas, 2005**. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 jan 2005.
- LECHNER, F. J.; BOLI, J. **The globalization reader**. Malden/USA; Oxford/UK: Blackwell, 2000.
- LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. Trad. M. F. G. Seabra. São Paulo: Nobel. 1988.

- MARTINS, H. E. P. Reestruturação produtiva e inserção territorial: um estudo em cidades do sudeste brasileiro. **Anais do VIII Seminário Internacional da Rede Ibero-Americana de Investigadores sobre Globalização e Território**. Rio de Janeiro, 25-28/05/2004.
- MILANOVIC, B. The two faces of globalization: against globalization as we know. **World Development**, 31 (4), p. 667-683, 2003.
- MONTEIRO Filha, D. C.; SANTOS, A. M. M. M. Cadeia têxtil: estruturas e estratégias no comércio exterior. **BNDES Setorial**, N. 15, p. 113-135, 2002.
- NASSIF, A. Uma proposta de política industrial para o Brasil: objetivos, critérios e setores prioritários. **Revista do BNDES**, 10 (20), p. 79-120, 2003.
- PETIT, P.; SOETE, L. **Globalization in search of a future**: the contemporary challenge to national policies (= Couverture Orange, N. 9819). Paris: CEPREMAP, 1998.
- PNUD (BRASIL). **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2000**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR/Atlas.htm>>. Acesso em: 02 jan 2005.
- PNUD (BRASIL). **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2000a**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR/HDR2000/Metodologias%20-%20IDH-%20e%20ICV.pdf>>. Acesso em: 02 jan 2005.
- RIBEIRO, A. C. T. Regionalização: fato e ferramenta. In: LIMONAD, E. et al. (org.) **Brasil século XXI: por uma nova regionalização?** São Paulo: Max Limonad, p. 194-212, 2004.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico**: Associação do Médio Vale do Itajaí. Florianópolis: SDM, 1998.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Fazenda, 2003. **Dief_VA**. [mensagem recebida em 22 set. 2003].
- SANTA CATARINA. **Mapa interativo, 2005**. Disponível em: <<http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br>>. Acesso em 30 jan 2005.
- SILVA, M. A. Reestruturação industrial na zona de colonização alemã catarinense: o caso do complexo têxtil. **Geosul**, 19 (37), p. 67-93, 2004.
- SIMÕES LOPES, A. **Desenvolvimento regional**: problemática, teoria, modelos. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- SINTEX. **Estatística** Disponível em: <<http://www.sintex.org.br/estatísticas/sintex/1990.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2003.
- SOUZA, M. J. L. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Território**, 3 (2), pp. 13-35, 1997.
- STEIN, S. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850-1950**. RJ: Campus, 1979.
- THEIS, I. M.; BAGATTOLLI, C. O desenvolvimento recente do sistema produtivo regional de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, 46 (11/12), p. 30-47, 2005.